

FILOSOFIA

**Alain Badiou
investiga a
atuação
do apóstolo
de Cristo**

Eduardo Guerrelro B. Losso*

Não é de hoje que um exegeta tenta extrair das cartas paulinas autênticas o sumo original de sua doutrina. Por ser o escrito mais antigo do Novo Testamento, por conter a formulação mais consistente do cristianismo nascente – mesmo que através de cartas eventuais, tornadas canônicas e sagradas – muitos teólogos modernos procuraram, por trás das impurezas da recepção milenar, reconstituir sua proposta real e daí revelar a essência do cristianismo primitivo.

Por isso não nos espanta tanto que um dos filósofos mais importantes e influentes da atualidade, Alain Badiou, sendo ateu, de esquerda, arvore-se a essa tarefa fora de qualquer religião, no livro *São Paulo: a fundação do universalismo*. Christoph Türcke, em *Do potencial crítico-ideológico da teologia: consequências de uma interpretação materialista de Paulo*, de 1979, já tinha proposto a valorização de uma verdade teológica fora da teologia, no plano materialista da evidência do sofrimento na crucificação, sendo a contrapartida real da ressurreição, que então ganha um teor negativo, partindo de Adorno, Bloch e Moltmann.

Badiou, em 1997, por outro caminho, descarta a ressurreição mas retém a estrutura do acontecimento revelador reconhecendo nele a instauração de uma singularidade universal, aspirando abolir fronteiras identitárias e fundar uma verdade a ser sustentada apenas pelo sujeito e não por uma lei, povo, império, classe ou raça.

O livro pretende apontar em Paulo um antídoto contra a lógica identitária das diferenças, que pulveriza a verdade em grupos e cria nichos de mercado sob o pretexto de, através de leis ou ONGs, resguardar o direito democrático diante dos preconceitos, embora termine por retroalimentá-los. Quando “não há mais judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher” aos olhos de Deus, o essencial é sair da morte própria da carne, produtora de separação, e entrar na igualdade com Deus através de Cristo, levando à

Paulo



Antídoto contra a lógica

imanentização do espírito de uma vida militante.

Sim, para o filósofo francês Paulo é o modelo de engajamento, empenhado na sua verdade assim como não há verdade sem uma dimensão militante; é o teórico anti-filosófico por excelência, por sair do paradigma grego do saber e judaico da lei para fundar o da fé e do amor. Eis o que o autor chama de contemporaneidade de Paulo: a capacidade que hoje provisoriamente perdemos no marasmo pós-moderno mas deveríamos recuperar de militar a favor de uma verdade universal fundada na singularidade de um sujeito.

Sua ousadia e uso livre de um texto bíblico deve ser apoiada contra aqueles que pretendiam ter a posse da sacralidade de um texto e só tende a se enriquecer com o interesse da filosofia contemporânea.

Porém tampouco Badiou está preparado para enfrentar uma série de questões já muito estudadas na exegese sócio-histórica da teologia, motivo pelo qual seu materialismo soa, em vários momentos, tão fantasioso quanto a fé dogmática. Ao se insurgir contra outros textos bíblicos como o Ato dos Apóstolos, pretende dar a sua inter-

pretação o devido verniz histórico, baseado, é claro, em clássicas conquistas da hermenêutica protestante.

Penso que ele está mais interessado em inventar um Paulo adequado a seu posicionamento (respeitável e por vezes válido, principalmente na crítica à “dominação comunitária”) diante da discussão política contemporânea do que em sustentar seus interessantes disparates, que servem para dar um gosto de escândalo. Por outro lado, tais disparates são em certa medida esclarecedores, afinal, a oposição histórica entre marxismo e cristianismo obscureceu durante muito tempo as reais raízes cristãs do comunismo, bem como o potencial sócio-libertário do cristianismo; ainda que, nesse interim, tenha surgido a teologia da libertação.

Ao negar o primeiro discurso, da sabedoria (grego), e o segundo, do signo milagroso (judaico), Paulo funda o terceiro, do amor e da fé, cristão. Para negar os dois, Paulo também descartaria um quarto, aquele que glorifica o profeta por ele ser o eleito de uma aparição milagrosa e indizível de Deus, o discurso místico.

Badiou afirma que o quarto discurso depende, no final das

contas, do segundo, e deve-se manter não-pronunciado na pregação para que o sujeito seja glorificado na fraqueza do que ele é, e não no poder inefável do que ele diz ser. Esse é o maior erro de Badiou: ao desconhecer por completo os estudos atuais de filosofia da religião, ignora que toda a tradição da mística ocidental – fundamentada, entre outras coisas, num possível proto-misticismo de Paulo (segundo Albert Schweitzer, Bernard McGinn etc.) – sustenta a conexão entre a experiência do inefável e a aniquilação do “eu”, que é nada mais do que a base da experiência sublime da arte, paradoxalmente, uma das origens da subjetividade moderna. Esse dado dispensado fundamentaria, inclusive, a mais estranha declaração provocativa do livro: “Mallarmé, esse Paulo do poema moderno”.

* Professor adjunto de teoria da literatura na UFRRJ.

São Paulo:
a fundação do universalismo
Alain Badiou
Boitempo
144 páginas. R\$ 32